

ASPECTOS DA VIDA COTIDIANA NA VIDA DO TRABALHADOR: O ESTRANHAMENTO DO TRABALHO E DA CIDADE

ASPECTS OF DAILY IN THE WORKER'S LIFE: THE ESTRANGEMENT FROM WORK AND THE CITY

Leonardo Luiz Cordeiro Ferreira da Silva¹

RESUMO

A vida cotidiana do trabalhador da atual sociedade é marcada pela falta de tempo, não lhe sobrando muito tempo para desempenhar outras atividades sem que sejam as profissionais. Parte deste tempo, o trabalhador usa para se deslocar de casa ao trabalho e para volta a casa, evidenciando um modelo precário de transporte público. Além deste excessivo tempo gasto no transporte público, acrescenta-se o fato de como a sociedade moderna coloca o trabalho como atividade central (DAL ROSSO, 2006), desta maneira, a cultura do trabalho como atividade central afasta o ser humano de si, retirando-os o tempo para atividades de lazer, cuidados com suas saúdes, cuidado com a casa, com os filhos e familiares, para estudos e qualificação. Assim sendo, será aqui analisado como esta falta de tempo contribui para alienação e estranhamento deste trabalhador.

PALAVRAS-CHAVES: tempo de trabalho, lazer, alienação.

ABSTRACT

The everyday life of the current society worker is marked by lack of time, not left him much time to perform other activities without being professional, part of this time, the employee uses to travel from home to work and back home, showing a poor model of public transport. In addition to this excessive time spent on public transport, added to the fact of how modern society places work as a central activity (DAL ROSSO, 2006), thus

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: llcordeiro@gmail.com

, the work culture as a central activity away from the human being himself, removing - the time for leisure activities, caring for their health, care for the house, the children and their families, for studies and training . Therefore, it will be analyzed here as this lack of time contributes to disposal of this worker.

KEY-WORDS: work time , leisure, worker alienation.

"Mas, por outro lado, se a vida humana se resumisse exclusivamente ao trabalho, seria a efetivação de um esforço penoso, aprisionando o ser social em uma única de suas múltiplas dimensões. Se a vida humana necessita do trabalho humano e de seu potencial emancipador, ele deve recusar o trabalho que aliena e infelicita."

(Ricardo Antunes)

INTRODUÇÃO: COTIDIANO DO TRABALHADOR. TUDO COMEÇA NA CIDADE

O cotidiano dos trabalhadores da cidade do Rio de Janeiro repete-se diariamente como uma "dor existencial de uma crise devastadora da vida cotidiana na cidade" (LEFEBVRE apud HARVEY, 2014, p. 11), sobretudo para moradores que residem nas zonas periféricas da cidade, que precisam acordar muito cedo e perdem demasiado tempo no deslocamento casa-trabalho.

Utilizo como exemplo inicial para nortear a análise, o estudo "O Custo Dos Deslocamentos Nas Principais Áreas Urbanas Do Brasil"² apresentado pela Firjan em 2015. Este aponta que os trabalhadores da cidade do Rio de Janeiro (dentre os 601 municípios analisados) são os que mais perdem tempo no deslocamento casa-trabalho. Segundo o estudo, cerca de 2,8 milhões de pessoas gastam em média 2 horas e 21 minutos neste deslocamento.

² Disponível em <<http://www.firjan.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=2C908A8F-4F8A7DD3014FB26C8F3D26FE&inline=1>> Acesso em: 10 de março de 2009

Além do excessivo tempo do deslocamento, temos a superlotação em horários de pico. Este trata-se de outro fator que se repete na vida do trabalhador carioca, como exemplificado até aqui. Um levantamento realizado pelo Movimento “Rio como Estamos”³, mostra que entre 2012 e 2015 a quantidade de usuários que utilizam o transporte nem sempre acompanha em porcentagem o número de ônibus disponíveis, por exemplo, entre agosto de 2012 e dezembro de 2013, enquanto a quantidade de passageiros aumentou em 17,36%, a de ônibus aumentou em apenas 1,03%. Verifica-se então que possuímos um sistema de transporte rodoviário sobrecarregado e que não recebe investimentos constantes. Estes e outros problemas no transporte público gera o que Rodrigues (2016) caracterizou como um mal-estar coletivo no país.

Como exposto acima, através do recorte analítico para a Cidade do Rio de Janeiro, a parcela da população que mais arca com estas problemáticas, são os moradores das zonas periféricas da cidade, que em sua maioria reside a população com rendas baixas e trabalhadores de subempregos. Tendo em vista que nos últimos anos o todo o país observou um aumento abusivo nas passagens dos transportes públicos, sobretudo nos ônibus, aumentando cada vez mais os gastos das famílias com transportes. Sobre isso observa Rodrigues: “Na década de 1970, segundo o IBGE⁴, 11,2% das despesas familiares eram despendias com transporte. No início dos anos 2000, 18,4% do orçamento familiar já era destinado às despesas com esse objetivo⁵. No final desta década, esse percentual chegou a 19,6%,⁶ se igualando praticamente aos gastos com alimentação [...]”

Porém não apenas o problema do transporte propriamente dito deve ser observado. A distância de suas residências para as principais e melhores ofertas de trabalho é o principal motivo que faz com esses moradores sofram com tais situações, logo conclui o estudo da Firjan (2015) que além dos investimentos para a melhora da mobilidade é preciso que tenha ofertas de empregos nos municípios periféricos.

Ainda sobre o estudo, a Firjan cita que o tempo perdido gera um prejuízo para

3 Disponível em <http://www.riocomovamos.org.br/portal/arquivos/Onibus_Publico-Indicadores_Gerais_da_Frota-Totais_e_Variacoes_percentuais-2012_a_2015.pdf> Acesso em: 10 de março de 2009

4 Segundo a Pesquisa ENDEF (anos-base 1974-75) do IBGE.

5 Segundo a Pesquisa de Orçamentos familiares (POF) do IBGE (anos-base 2002-2003).

6 Segundo POF (anos-base 2008-2009)

a economia municipal, com danos estimados em R\$ 19 bilhões. Porém, o objetivo deste artigo é tratar os fatores e prejuízos econômicos relacionados aos problemas e sim mostrar os danos para as pessoas, que são os que sofrem diretamente e cotidianamente com os problemas da mobilidade urbana e com extensão de perdas em diversas áreas das vidas destes trabalhadores, afetando-os diretamente em suas saúdes físicas, mentais, como também diminuindo seu tempo disponível de cuidados com a casa e família, lazer, ócio dentre vários outros aspectos.

Os problemas referentes à mobilidade urbana na qual as grandes cidades brasileiras passam por análises que não estão apenas no âmbito logístico da mobilidade (o deslocamento, a superlotação), porém é preciso questionar o porquê o sistema de transporte passa por tais problemas. Assim sendo é importante destacar que o sistema de transporte público tem sido administrado de forma cada vez mais direta pela iniciativa privada, onde o poder público e as administrações públicas municipais, cada vez menos interferem. Desta maneira, o objetivo dos administradores privados do sistema de transporte é apenas o lucro (SMITH apud MARX, 2010, p. 46). O processo de liberalização da economia, intensificado no final dos anos 1980 é caracterizado como um dos fatores que podemos relacionar aos problemas citados até aqui.

Os problemas atuais de mobilidade urbana no Brasil também estão associados ao processo de liberalização ocorrido nos últimos 25 anos, por sua vez, se expressa na abertura econômica, na redução do papel do Estado e na ênfase do papel do mercado na economia que provocaram impactos relevantes nas políticas públicas de transporte. Nessa perspectiva, um dos principais impactos específicos foi a saída do Estado da função de provisão dos serviços de transporte, representada, sobretudo pela privatização das empresas públicas. (RODRIGUES, 2016, p. 16)

Por fim, somando-se ao tempo de deslocamento do trajeto casa-trabalho trabalho-casa à carga horária de trabalho (de oito horas de trabalho e mais uma de almoço), o cidadão trabalhador, classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2009, p. 101) passa quase 15 horas de seu dia fora de sua casa, sem tempo de lazer, enfim, *fora de si* (MARX, 2009, p. 83) ou ainda, como afirmou Gros(2016), sem *liberação do tempo, liberação do pensamento, liberação da existência*. Neste aspecto, Marx afirma que: "O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha,

não está em casa". (MARX, 2013, p. 83). Sentença essa que o autor usa para o compor sua definição de trabalho estranhado, definição que correlaciono aqui com a vivência na cidade, exemplificado pela temática da mobilidade urbana, pois como demonstrado acima, o trabalhador urbano, durante o tempo em que passa fora do seu lar e convívio com os seus, sente o espaço urbano esvaziado de seu uso e empobrecido de relações sociais (CARLOS, 2007, p. 14). A mobilidade urbana com transportes públicos em péssimas condições, trânsitos cada vez mais atravancados e congestionados contribuem para que os trabalhadores habitantes das cidades permaneçam nesta situação de estranhamento (à cidade), "presos" no trânsito, não se reconhecendo na vida da cidade, tendo que pela cidade se deslocar para trabalhar, trabalho este que ele não se reconhece, que o degrada, que o desrealiza (ANTUNES, 2005, p. 70), "pois este trabalha para viver", logo seu trabalho não é vida. (MARX apud ANTUNES, 2005, p. 71). Assim como pela definição de Marx, o trabalho estranhado é quando o trabalhador se sente fora de si no trabalho, a vivência na cidade, com o recorte deste trabalho na mobilidade urbana, tem se tornado uma vivência estranhada, pois de igual maneira o degrada. O trabalho e a mobilidade urbana são dois aspectos que são degenerados pelo sistema capitalista, daí vem a correlação entre o estranhamento da no trabalho e na cidade. Segundo Antunes (2005, p. 69), assim se caracteriza o processo do trabalho na ordem do capital, tornando o homem "um ser estranho a ele, um meio de sua existência individual" (MARX apud ANTUNES, 2005, p. 69).

No livro "Cidades Rebeldes", David Harvey, cita o sociólogo urbano Robert Park. A citação que segue, pode nos mostrar a situação de estranhamento urbana na qual os trabalhadores passam nas cidades, pois a cidade não é feita "de acordo com os seus mais profundos desejos":

[...] a tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que vive, é de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade o homem recriou a si mesmo. (PARK apud HARVEY, 2014, p. 28)

Portanto fica assim explicitado o estranhamento que os trabalhadores que sofrem, pois a cidade, suas condições, sua logística, políticas públicas e gestão da mo-

bilidade não são criadas pelos e para os que nela vivem e sobretudo se deslocam, mas obedecendo a lógica neoliberal de investimentos urbanos para seguir a lógica do mercado financeiro especulativo. Portanto, a questão até aqui posta é que a cidade e tudo o que nela está, deve ser pensada, criada e recriada por aqueles e para aqueles que mais vivem e se descolam por ela, pois estes, os trabalhadores, como já afirmado, são os que cotidianamente experimentam a cidade.

Assim sendo, para além das explorações sofridas em seu ambiente de trabalho é possível verificar que a própria vivência na cidade traz malefícios ao corpo do trabalhador, pois vive num *estado de tensão permanente* (FANON, 2005, p. 69), portanto fica fácil concluir que a vivência na cidade é uma das extensões da vida social que classe trabalhadora no capitalismo moderno, que atenua as desigualdades de diversas maneiras, inclusiva na mobilidade urbana.

Portanto o presente artigo, versará a respeito do tempo do trabalhador, as implicações que o tempo de trabalho trazem à vida do trabalhador, seu tempo dedicado ao trabalho e seu tempo livre.

ALIENAÇÃO E ESTRANHAMENTO EM OBRAS MARXIANAS – DEMARCANDO CONCEITOS.

Os conceitos de alienação e estranhamento, como pode ser verificado até aqui, são conceitos caros para análise da vida cotidiana do trabalho. Diversas vezes os conceitos podem ser tratados como sinônimos, porém Marx, no *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, aprofunda tais categorias, mostrando como o sistema capitalista aliena e em alienando estranha o produto do trabalho do trabalho, pois o objetivo do trabalho torna-se a criação de novas mercadorias, a produção de valor de troca (riquezas): “O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz, privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador.” (MARX, 2010, p. 83). Desta maneira, como analisa Antunes (2005) a ordem do capital, desfigura o sentido do trabalho, sentido que esse que é a produção de coisas úteis, ponto de partida do processo de humanização do ser social. O produto do trabalho torna-se *estranho* ao trabalhador, quando este produto torna-se um ser sepa-

rado do trabalhador, quando o trabalhador não se relaciona com o produto do seu trabalho. "Em outras palavras, o ser humano tem ideado, em sua consciência, a configuração que quer imprimir ao objeto de seu trabalho, antes da realização." (ANTUNES, 2011, p. 142). Em suma, o estranhamento do trabalho faz com que o trabalhador não perceba o produto do seu trabalho como sendo obra sua, ocorrendo portanto durante a atividade produtiva. Considerando que o tempo de deslocamento casa-trabalho, trabalho-casa como um tempo que o trabalhador não está mais disponível para si, embasa-se assim a categoria que foi tratada na introdução deste artigo, a de estranhamento do trabalhador urbano na cidade.

O conceito de alienação é um pouco mais amplo, anterior a Marx (conceito filosófico hegeliano) e pode estar relacionado a diversos aspectos da vida do homem, tais como religiosos, políticos, econômicos etc. A obra de Mézsáros "*Teoria da Alienação em Marx*" analisa exatamente toda a historicidade da categoria de alienação:

é um conceito eminentemente histórico. Se o ser humano está "alienado", ele tem de estar alienado de algo, como resultado de certas causas – a interação de eventos e circunstâncias em relação ao ser humano enquanto sujeito dessa alienação – que se manifestam em quadros de referência histórico. (MÉZSÁROS, 2016, p. 40)

Quando afirmamos que determinado indivíduo, está *alienado*, estamos dizendo que este não tem a percepção completa ou total de determinado assunto ou realidade, dito isso, passa-se aqui a estreitar o conceito na perspectiva de análise marxiana. A alienação diz respeito à atividade (BOTTOMORE, 2001, p. 5), logo o trabalhador é alienado quando não tem a noção completada de sua atividade, de sua realidade histórica: "alienação está carregada de um conteúdo voltado à noção de atividade, objetivação, exteriorizações históricas do ser humano." (RANIERI, 2001, p. 7). Assim a alienação é consequência histórica sobre os trabalhadores das forças produtivas da ordem econômica.

Como analisa Tumulo (2004), as noções de alienação e de estranhamento estão articuladas, porém como vimos até aqui são distintas. Um conceito está contido no outro, o trabalho só estranhado, pois antes ele foi alienado. Do processo histórico que tirou do processo criativo do trabalho das mãos dos trabalhadores gerando-os assim sua alienação enquanto classe que produz, gera o processo de trabalho estranhado,

onde o produto não é reconhecido pelo trabalhador. Sobre essa concentricidade dos conceitos Da Costa (2001) nos afirma: "Ficou evidente, no entanto, que alienação e estranhamento, mesmo que distintas, são categorias complementares. O estranhamento é a consequência necessária da alienação do trabalho."

Portanto quando a atividade do trabalho o rouba de si mesmo, o trabalhador já alienado tem sua subjetividade roubada pelo processo do trabalho estranhado.

TEMPO NO LOCAL DE TRABALHO: O AMOR AO TRABALHO NA SOCIEDADE MODERNA

O cotidiano do trabalhador obviamente não se resume no deslocamento descrito até aqui, vai além, pois fora as cerca de 4 horas de deslocamento (casa-trabalho, 2 horas e trabalho-casa mais 2 horas), os trabalhadores em sua maioria passam cerca de 9 horas em seu ambiente de trabalho (8 horas de trabalho somado à 1 hora de almoço obrigatórias), desta maneira em rápida soma verificamos que o indivíduo passa mais da metade do dia a serviço do seu trabalho (soma-se 13 horas que o trabalhador passa fora de suas casas).

São horas que como já visto acima, o trabalhador "*está fora de si*". Vivemos em uma sociedade na qual a super valorização do trabalho manifestada pelo dito popular "*o trabalho dignifica o homem*" conquista mentes e corações para se dedicarem cada vez mais aos seus trabalhos e muitas vezes degradando suas vidas emocionais e interiores (SENNETT, 2014, p. 18)

O amor e o tempo dispensado ao trabalho, rouba o trabalhador de si e de sua família. No livro "*A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*", Richard Sennett trata exatamente da temática da degradação pessoal causada pelo trabalho no capitalismo. Logo no primeiro capítulo, o autor relata a experiência de um homem tão atarefado pelo seu trabalho que acaba abandonando a criação de seus filhos e os cuidados com sua família, o personagem em questão diz: "Quando as coisas ficam difíceis meses seguidos na empresa de consultoria, é como se eu não soubesse quem são meus filhos." (SENNETT, 2004, p. 20).

É importante salientar que o trabalho para Marx, trata-se de uma categoria fundante de humanização do ser humano, é o ponto de partida para a humanização do ser social (ANTUNES, 2011, p. 144) porém como de igual modo afirma Ricardo Antunes: “[...] também é verdade que, tal como se objetiva na sociedade capitalista, o trabalho é degradado e aviltado. Tornando-se estranhado.” (ANTUNES, 2011, p. 144)

Portanto, o trabalho degradou-se e assim degrada o ser humano, e na sociedade moderna com avanços tecnológicos que tornam as comunicações entre as pessoas cada vez mais fáceis e rápidas, muitos trabalhadores ainda que em casa sente-se impedido a continuar trabalhando, o trabalhador se desloca para casa e mesmo em seu tempo livre (em casa, por exemplo) continua conectado através de seu smartphone e à serviço de seu trabalho e virtualmente em seu ambiente de trabalho, através de redes sociais, de aplicativos de mensagens instantâneas e e-mail. Quantos funcionários se sentem obrigados (verbalmente ou compelidos pela empresa) a permanecerem com os celulares ligados, prontos a receber uma ligação de um superior para tratar de questões referentes à empresa? (E aqui fica claro que não se trata de profissionais de saúde, ou profissionais que atuam em caso de emergências, como médicos, paramédicos, bombeiros, polícias, etc...) ou smartphones em mãos a todo tempo, prontos a responderem e-mails, mensagens ainda que estejam em momentos de lazer com suas famílias.

Mesmo trabalhadores que não passam o tempo diretamente ligadas aos seus serviços via tecnologias como descrito, existem outros exemplos claros de como a vida do trabalhador explorado é “roubada” pelo trabalho da sociedade capitalista. Nogueira (2011) expõe em sua obra, falas colhidas de entrevistas de trabalhadoras de centrais de telemarketing, Fernanda uma das entrevistadas afirma:

“[...] Mas eu não consigo me desligar do trabalho, eu chego a sonhar que estou brigando, que estou discutindo com o supervisor, que estou deixando o cliente sem resposta. É, eu chego a sonhar! Sabe, a gente percebe que não desliga, porque você atende o telefone de sua própria casa e pergunta: - Algo mais? E quando está terminando a conversa sem querer você fala: - Algo mais? Telefônica agradece. [...]

[...] Às vezes eu, olha só com eu não desligo, toca um sinal tipo “bip” (quando você está atendendo no Telemarketing toca um “bip” quando entra o cliente), então se ouço algo parecido em casa eu falo – Que informação deseja?” (NOGUEIRA, 2011, p. 102)

Sejam esses lapsos relatados por Fernanda, sejam os trabalhadores “presos” aos seus locais de trabalho durante todo o tempo por tecnologias, é possível verificar que o modo de produção capitalista tem aviltado cada vez mais a vida do trabalhador, a ponto de nem em casa o trabalhador se sentir livre, causado exatamente por este estranhamento pelo qual passam os trabalhadores no sistema ideológico que propaga o “vestir a camisa”. Quanto a essa análise observa Dejours (2015): “[...] É o homem inteiro que é condicionado ao comportamento produtivo pela organização do trabalho, e fora da fábrica, ele conserva a mesma pele e a mesma cabeça. Despersonalizado no trabalho, ele permanecerá despersonalizado em sua casa.”

A conta de horas na qual o trabalhador passa fora de sua casa e a serviço do seu trabalho, pode assim ser ampliada para além das 13 horas. Pela análise discorrida nesta secção, é possível afirmar que o trabalhador, assalariado, urbano tem sido cada vez mais desumanizado pelas demandas do sistema que preza a produção, desta maneira, não seria exagero afirmar que o trabalhador tem subtraído quase que integralmente o seu tempo livre, corroborando à análise que Marx, fez em “O Capital” a respeito da jornada de trabalho, com o analisado até aqui: “Apropriar-se de trabalho 24 horas por dia é, assim, o impulso imanente da produção capitalista. (MARX, 2014. p. 329)

TEMPO LIVRE, TEMPO DE LAZER. QUE LAZER?

Como afirmou Nogueira (2011) e como analisado na secção anterior, não existe “tempo livre”, pois este “não se realiza sem o controle do sistema global do capital”, porém assim como a autora citada, também será considerado aqui como tempo livre, “aquele que compreende as atividades realizadas fora do espaço produtivo e reprodutivo”, isto é, o tempo fora do ambiente de trabalho.

Um primeiro momento no qual o trabalhador está fora do seu ambiente de trabalho como já analisado na primeira seção deste artigo, é no deslocamento casa-trabalho, trabalho-casa, momento esse que já sofre com o estranhamento na área urbana e todos os diversos problemas de mobilidade como já mencionados. Analisar-se-á aqui, o tempo fora da expansão do trabalho, fala-se, de momentos em casa, lazer, família, enfim, quando é “dono” do seu tempo. Retomo rapidamente as horas do cotidiano do trabalha-

dor: 13 horas fora de sua casa. Assim sendo os questionamentos que surgem são: o que ele faz com o tempo que lhe sobra? Que tempo de fato tem o trabalhador para si? Em que medida esse tempo que lhe resta afeta sua vida física e emocional?

A sociedade monogâmica na qual vivemos hoje é baseada em torno de um forte patriarcado e como afirmou Engels:

"[...] A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre homens e mulheres para a procriação dos filhos. Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino [...]" (ENGELS, 1974, p. 70)

Desta maneira o patriarcado influencia diretamente na vida e no tempo livre neste caso em específico da trabalhadora. É possível afirmar que a trabalhadora (e a princípio a que tem filhos), possui uma dupla jornada de trabalho. Ao chegar em casa após as 13 horas em média fora de seu lar, precisa dispensar atenção aos seus filhos e todos os cuidados que uma criança e/ou adolescentes precisam, alimentação, asseio. Pois a sociedade baseada no patriarcado incute que tais tarefas são da mulher, assim como, cuidados com a casa, alimentação para todos os residentes, arrumação e limpeza da mesma em geral, lavar e passar roupa, fica assim claro que ao chegar em casa, após o tempo de trabalho e as horas no trânsito engarrafado das grandes cidades, a mulher trabalhadora continua a trabalhar, de tal maneira que não lhe sobra momento para si, para fazer o que quiser, para estar sozinha para ler, para estudar e se qualificar, para sua vida pessoal. Sendo assim, fica claro que a mulher, com a mulher submetida a realização dos afazeres domésticos, fica considerada a sua dupla jornada de trabalho. Dados da Síntese de Indicadores Sociais de 2014⁷, mostraram que em 2013, 88% das mulheres ocupadas eram responsáveis por afazeres domésticos, enquanto entre os homens este percentual era de 46%. A respeito da jornada média de afazeres domésticos, o estudo mostrou que as mulheres realizam mais do que o dobro em relação aos homens (20,6 horas/semana para mulheres e 9,8 para homens). Outra questão importante da diferenciação do gênero no mercado de trabalho da sociedade capitalista, que é importante citarmos, ainda que não seja objeto específico desta análise é a diferenciação salarial entre homens e mu-

⁷ Disponível em < Disponível em <http://www.riocomovamos.org.br/portal/arquivos/Onibus_Publico-Indicadores_Gerais_da_Frota-Totais_e_Variacoes_percentuais-2012_a_2015.pdf> Acesso em: 27 de março de 17

Iheres, fruto direto da sociedade patriarcal, capitalista.

Apesar de afetar com mais intensidade as trabalhadoras e com maior intensidade as trabalhadoras que são mães, a falta de tempo característica da sociedade construída pelo capitalismo, não é exclusividade apenas das mães ou das trabalhadoras. Pouco tempo sobra aos que trabalham para se dedicarem aos estudos e para se qualificarem para melhor se colocarem no mercado de trabalho. O mercado de trabalho tem exigido cada vez mais qualificação para que os que estão fora possam adentrar e os que estão dentro possam ter melhores oportunidades, porém surge a questão: se um trabalhador passa cerca de 13 horas fora de sua casa, quando conseguirá tempo para estudar e se qualificar a fim de conseguir melhores oportunidades de emprego, com melhores salários? Na medida em que exige-se qualificação, não é oferecido tempo e qualidade de vida para o trabalhador que estuda: *"Oh, as estranhas exigências da sociedade burguesa que primeiro nos confunde e nos desencaminha, para depois exigir de nós mais que a própria natureza."* (GOETHE, 1994).

Em seu tempo livre, o trabalhador ou a trabalhadora, além de ter obrigações como o cuidado com sua casa, com os seus filhos, de ter que estudar e se qualificar para melhor se colocar no mercado de trabalho, o trabalhador(a) precisa também de tempo de lazer, atividades que o façam com ele "se desligue" da semana que na maioria das vezes para muitos é estressante (pelo próprio ambiente de trabalho explorado e pelo deslocamento pela cidade, tema já tratado), enfim, precisa de atividades que o relaxem, como afirma Russell: "Adultos e crianças têm necessidade de lazer, isto é, de períodos de atividades sem outro propósito além do gozo imediato. Mas para que o lazer sirva à sua finalidade é necessário que se tenha prazer e interesse em assuntos não relacionados ao trabalho." (RUSSELL, 2002, p.41). Ou como o psiquiatra Ferenczi descreveu, afirmando que precisamos do final de semana e de atividades de lazer, pois nestas atividades: "[...] somos nossos próprios donos e nos livramos dos grilhões dos compromissos e obrigações impostas. Além disso, sentimos uma espécie de libertação interna." (FERENCZI apud RYBCZYNSKI, 2002, p. 178)

Desta maneira, é possível observar nos hábitos dos brasileiros que com o tempo completamente tomado por "obrigações" de suas atividades profissionais, cuidados com a

casa e com a família, deslocamento pelas cidades (utilizando transporte precários e em trânsitos cada vez mais congestionados das grandes cidades), o trabalhador fica sem o tempo "livre", sem o tempo para realizar atividades descompromissadas, o tempo que lhe sobra, acaba sendo aproveitado para atividades de lazer sem necessidade de reflexão e que exijam senso crítico, afetando diretamente na formação política e na consciência de classe dos trabalhadores, facilitando assim, a permanência das opressões e das explorações sofridas pelos trabalhadores e das ideias da classe dominante.

A TV aberta, ainda é a atividade de lazer preferida para a maior parte dos brasileiros, com mostrou uma pesquisa da Federação de Comércio do Rio de Janeiro⁸. A pesquisa revelou que 55% dos entrevistados não realizaram qualquer atividade cultural paga ao longo de 2014. Além disso, 78,7% elegeram a TV aberta como o lazer preferido. E sobre a TV ser o principal meio de lazer (e conseqüentemente na maioria das vezes de informação), comenta o Rybczynski: "Seja ou não um meio de comunicação invasivo, e tenha ou não baixo nível intelectual, a televisão tem uma qualidade que, de tão óbvia, costuma ser desprezada: é compulsiva." (RYBCZYNSKI, 2002, p. 177). Outra pesquisa que embasa a crítica a respeito das atividades de lazer que levam à alienação do trabalhador é sobre o hábito de leitura dos brasileiros, a pesquisa do Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro⁹ revela-nos alguns dados que fundamentam este artigo, a maioria dos não leitores, não leem por falta de tempo, outra importante informação reafirma o "poder" da televisão. A leitura que ficou na 10ª colocação quando o assunto é o que fazer no tempo livre, perde para assistir televisão (73% dos entrevistados) depois vem ouvir música (60%), reunir-se com amigos ou família ou sair com amigos (45%), assistir vídeos ou filmes em casa (44%), usar o WhatsApp (43%), escrever (40%), usar Facebook, Twitter ou Instagram (35%), ler, jornais, revistas ou notícias (24%), ler livros em papel ou digitais (24%).

Desta maneira, fica evidenciado que o modo de vida imposto pelo sistema aos trabalhadores brasileiros, o afasta da reflexão intelectual, da formação de um senso crítico e conseqüentemente da intervenção na sociedade, evidenciando a alienação e conseqüentemente a falta da consciência de classe e política.

8 Disponível em <<http://otvfoco.com.br/tv-aberta-ainda-e-o-lazer-preferido-dos-brasileiros-segundo-pesquisa/>> Acesso em: 25 de junho de 2016

9 Disponível em http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf > Acesso em: 10 de maio de 2017

Além do tempo excessivo de trabalho, outra característica é evidente na sociedade capitalista moderna, trata-se da cultura de consumo. Uma das expressões desta cultura são os Shopping Centers, local onde se consume, compra, objeto e ferramenta de fetichização de mercadorias, sendo assim, a visita e o passeio ao Shopping Centers, também constitui-se como uma atividade de lazer muito praticada pela classe trabalhadora nos finais de semana e como citado acima, trata-se mais uma atividade que não exige reflexão e senso crítico. Desta maneira, a cultura do consumo, está inserida na vida dos trabalhadores desde a maneira propaganda que incentiva o consumo até o momento do lazer:

A cultura do consumo que se estabelece transforma os hábitos cotidianos, as relações entre pessoas, as percepções dos espaços e os significados dos objetos. As mercadorias possuem um caráter misterioso, como muito bem mostrou Marx, não só porque "a igualdade dos trabalhadores humanos fica disfarçada sob a forma da igualdade dos produtos do trabalho como valores", mas também a vida das pessoas diante das ofertas crescentes e aparentemente infinitas do mercado passa a ser coisificada, ou seja, a relação entre as pessoas é permeada pelas mercadorias. (PADILHA, 2006, p. 131)

Cito aqui a questão do Shopping e da cultura do consumo, não apenas para tratar da temática do lazer e do tempo livre, mas também como uma forma que muitas vezes exclui os que não tem condições financeiras para participar, pois como afirma Padilha (2006): "... o shopping center é um nicho reservado para pessoas privilegiadas social e financeiramente.". Desta maneira o trabalhador, subalternizado e com salários baixos, para se sentir socialmente aceito, por muitas vezes, tem na visita ao shopping a principal atividade de lazer do seu final de semana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se analisar como o sistema e a sociedade moderna tem afastado o trabalhador cada vez mais de si mesmo, no sentido marxista de alienação e estranhamento do trabalhador. A análise de três aspectos da vida do trabalhador (deslocamento pela cidade, tempo excessivo de trabalho e atividades pouco reflexivas) embasam o sentido de alienação, caracterizada por outra definição da categoria marxista, a fetichização da mercadoria. No geral é possível concluir que a valorização do trabalho na sociedade moderna, tem causado problemas para a vida do trabalhador, como afirma Dal Rosso (2006): "*a submissão do mundo da vida ao mundo do trabalho*".

O pouco investimento em transporte público, aumentando cada vez mais o congestionamento do trânsito das grandes cidades, contribui para precarização da vida dos trabalhadores, sobretudo para os que moram longe dos grandes centros financeiros, responsáveis pelas maiores e melhores ofertas de trabalho, assim com a cultura do consumo, que exclui os trabalhadores com piores salários.

Sem dúvida é possível caminhar na análise das questões aqui propostas ampliando os métodos de pesquisas, tais como entrevistas para confirmar os hábitos de lazer dos trabalhadores, entrevistar também o público aqui citado, trabalhadores que estudam e como a vida acadêmica destes é extremamente prejudicada. O questionamento a respeito do patriarcado tão forte em nossa sociedade é um caminho a seguir para pensarmos também a respeito da desigualdade de gênero entre homens e mulheres e em especial aqui a diferença salarial. É possível também, estender a pesquisa para a questão específica do lazer. Quais políticas públicas existem para levar lazer para espaços carentes dos mesmos na cidade? Como popularizar e tirar do espaço privado (Shopping e casas de espetáculos), cinema e peças teatrais? Outro ponto importante a ter a análise ampliada diz respeito aos investimentos na política urbana, como citado no artigo, cada vez mais entregue a investimentos de donos de capital, afastando do objetivo de melhorar a qualidade de vida dos que se deslocam pela cidade.

Por fim, este trabalho tem por objetivo refletir sobre essa "moral do trabalho", e incentivar também um debate que de forma muito lenta vem ganhando espaço ao longo do tempo na sociedade, a redução da jornada de trabalho, sem a redução no salário a solução para o problema da falta de tempo de trabalhador, tão reforçado neste trabalho passa também por esse debate.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

_____. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São

Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

_____. **Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho**. Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho, v. 1, 2008, pp. 1-14

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

DA COSTA, Mônica Hallak. **A diferença entre as categorias alienação e estranhamento nos manuscritos econômico-filosóficos de Karl Marx de 1844**. Revista On-Line de Educação e Ciências Humanas, N°3, Ano II, 2005, pp. 1-7

DAL ROSSO, Sadi. **Jornada de trabalho: duração e intensidade**. Ciência e cultura, v. 58, n. 4, 2006, p. 31-34.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2015.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1974.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FIRJAN - Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. **O custo dos deslocamentos nas principais áreas urbanas do Brasil**. Rio de Janeiro; 2015. Disponível em: <<http://www.firjan.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=2C908A8F4F8A7DD3014FB26C8F3D26FE&inline=1>>. Acesso em: 10 de mar. de 2009.

HARVEY, David. "A liberdade da cidade". In: _____ **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015, p. 27-34.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **O Capital: crítica da economia política: Livro 1: o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Centauro, 2006.

MONDARDO, Marcos Leandro. **O Corpo enquanto “primeiro” território de dominação: O biopoder e a sociedade de controle.** Mato Grosso do Sul, 2009. Disponível em: < <http://bocc.unisinos.br/pag/mondardo-marcos-o-corpo.pdf>>. Acesso em: 21 de maio de 2017.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. **O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PADILHA, Valquíria. “Consumo e lazer reificado no universo onírico do shopping center”. In: PADILHA, V. (org.). **Dialética do lazer.** São Paulo: Cortez, 2006, p. 126-155.

RODRIGUES, Juciano Martins. “Qual o estado da mobilidade urbana no Brasil”. In: DE PAULA, M. e BARTELT, D. D. (org). **Mobilidade Urbana no Brasil: desafios e alternativas.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll Brasil, 2016, pp. 12-23.

RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

RYBCZYNSKI, Witold. **Esperando o fim de semana.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SENNETT, Richard; SANTARRITA, Marcos. **A corrosão do caráter.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

SOUZA, Jessé; ARENARI, Brand. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TUMOLO, Paulo Sergio. **Trabalho, alienação e estranhamento: visitando novamente os “Manuscritos” de Marx.** GT Trabalho e Educação, n. 09, 2004, p. 1-12.



REVICE - Revista de Ciências do Estado
ISSN: 2525-8036
v2.n.1 JAN-JUL.2017
Periodicidade: Semestral

seer.ufmg.br/index.php/revice
revistadece@gmail.com

SILVA, Leonardo Luiz Cordeiro Ferreira da. Aspectos da vida cotidiana na vida do trabalhador: o estranhamento do trabalho e da cidade.
Data de Submissão: 01/02/2017 | Data de aprovação: 05/05/2017

A REVICE é uma revista eletrônica da graduação em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como citar este artigo:

SILVA, Leonardo Luiz Cordeiro Ferreira da. Aspectos da vida cotidiana na vida do trabalhador: o estranhamento do trabalho e da cidade. In: **Revice** - Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 380-396, jan./jul. 2017.